REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

HOMICÍDIO CAUSADO POR MULHERES CONTRA SEUS PARCEIROS: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

HOMICIDE CAUSED BY WOMEN AGAINST THEIR PARTNERS: AN ANALYSIS OF SOCIAL REPRESENTATIONS

Ciências Humanas • 20/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794914265

Polyana Cristina Santana[1]

Enola Milena Rocha[2]

Débora Maria Biesek[3]

RESUMO

Os meios de comunicação participam da produção e circulação de representações sociais sobre violência e criminalidade. Historicamente, as mulheres foram associadas ao cuidado, à sensibilidade e à passividade, enquanto os homens foram relacionados à força e à agressividade. Esta pesquisa analisou as representações sociais construídas em três reportagens sobre mulheres apontadas como autoras ou suspeitas de homicídio contra seus parceiros heteroafetivos, no Paraná, entre 2016 e junho de 2026. Trata-se de uma pesquisa documental, qualitativa, que examinou publicações dos portais PP News, CNN Brasil e G1 Paraná, com base na Análise de Discurso de Orlandi. A discussão fundamentou-se na Teoria das Representações Sociais, de Moscovici, nas contribuições de Federici sobre gênero e nas discussões de Collins e Bilge sobre interseccionalidade. Os resultados evidenciaram diferentes abordagens: o PP News menciona relatos de violência doméstica; a CNN Brasil enfatiza a responsabilização pelo crime e o motivo considerado fútil pelo Ministério Público; e o G1 Paraná destaca a profissão de professora e a alegação de legítima defesa. Não foram identificados elementos de patologização ou referências explícitas à raça e à condição periférica das mulheres. Conclui-se que a cobertura jornalística mobiliza expectativas de gênero na construção das imagens dessas mulheres.

Palavras-chave: Análise de discurso; Gênero; Homicídio; Representações sociais.

ABSTRACT

The media play a role in the production and circulation of social representations of violence and crime. Historically, women have been associated with care, sensitivity, and passivity, while men have been linked to strength and aggressiveness. This study analyzed the

social representations constructed in three news reports about women identified as perpetrators or suspects of homicide against their male partners in heterosexual relationships, in the state of Paraná, Brazil, between 2016 and June 2026. This is a qualitative documentary study that examined publications from the news portals PP News, CNN Brasil, and G1 Paraná, based on Orlandi's Discourse Analysis. The discussion was grounded in Moscovici's Theory of Social Representations, Federici's contributions on gender, and Collins and Bilge's discussions on intersectionality. The results revealed different approaches: PP News mentions reports of domestic violence; CNN Brasil emphasizes criminal accountability and the motive classified as trivial by the Public Prosecutor's Office; and G1 Paraná highlights the woman's profession as a teacher and her claim of self-defense. No elements of pathologization or explicit references to the women's race or disadvantaged socioeconomic backgrounds were identified. It is concluded that media coverage mobilizes gender expectations in the construction of representations of women involved in these cases.
Keywords: Discourse analysis; Gender; Homicide; Social representations.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, os meios de comunicação exercem um papel significativo na produção e circulação de discursos sociais, participando das formas como os acontecimentos são apresentados e interpretados. Além de transmitir informações, as narrativas jornalísticas contribuem para a circulação de valores, crenças e representações sobre diferentes grupos e fenômenos sociais. Nesse contexto, as notícias relacionadas à violência e à criminalidade constituem um campo relevante para compreender como

determinados sujeitos são apresentados socialmente, especialmente quando suas ações entram em conflito com expectativas historicamente construídas.

As contribuições de De Lauretis (1994) também permitem compreender a relação entre mídia e construção social dos gêneros. A autora aponta que as mídias impressas e digitais disseminam práticas discursivas que produzem efeitos sobre os corpos e os modos de vida em sociedade. Nessa perspectiva, o gênero não é compreendido como algo naturalmente determinado pelos corpos, mas como uma construção que se desenvolve por meio das relações entre diferentes tecnologias e aparatos sociais. Essa compreensão contribui para refletir sobre como as narrativas jornalísticas participam da circulação de concepções sobre o feminino e o masculino, mobilizando expectativas sociais que podem influenciar a maneira como mulheres envolvidas em crimes são apresentadas.

No que se refere às relações de gênero, as mulheres foram historicamente associadas a características como sensibilidade, cuidado, afeto e passividade, enquanto os homens foram frequentemente relacionados à força, à autoridade e à agressividade. Essas associações não correspondem a características naturais e universais de cada gênero, mas a construções sociais e históricas que influenciam as expectativas sobre os comportamentos considerados adequados para homens e mulheres (Louro, 2003). Nesse contexto, quando uma mulher é apontada como autora de um homicídio contra seu parceiro, sua representação pode envolver tensões entre a ação que lhe é atribuída e os papéis tradicionalmente associados ao feminino.

O interesse por esta pesquisa surgiu da necessidade de compreender como as mulheres envolvidas nesses casos são apresentadas nas narrativas jornalísticas e quais sentidos são produzidos em torno de suas ações e de suas histórias. A relevância do estudo está relacionada à possibilidade de ampliar as discussões sobre as representações sociais da criminalidade feminina, considerando que a análise desses casos permite investigar como as expectativas de gênero participam da interpretação de comportamentos que contrariam determinadas concepções tradicionais sobre o feminino. Assim, busca-se compreender as formas de representação dessas mulheres sem pressupor que todas as narrativas jornalísticas produzam os mesmos sentidos ou que a apresentação dos casos seja necessariamente marcada por julgamentos morais explícitos.

Nesse contexto, os processos de ancoragem e objetivação, discutidos por Serge Moscovici (1978), contribuem para compreender como as representações sociais são construídas e mobilizadas. A ancoragem ocorre quando um acontecimento é interpretado a partir de categorias e conhecimentos já familiares, enquanto a objetivação transforma ideias abstratas em imagens e elementos concretos, tornando-as mais compreensíveis. Na análise das reportagens, esses processos permitem investigar como as mulheres envolvidas nos casos são apresentadas a partir de referências sociais relacionadas à feminilidade, à violência, à responsabilidade e à vitimização. Para isso, é necessário considerar os elementos efetivamente presentes em cada narrativa, evitando atribuir ao texto sentidos que não encontram respaldo no material analisado.

As contribuições de Silvia Federici (2017), em Calibã e a bruxa, permitem aprofundar essa discussão ao abordar os processos históricos de controle dos corpos femininos e a consolidação de papéis sociais relacionados ao trabalho doméstico e à reprodução da vida. Suas reflexões contribuem para problematizar a construção histórica das expectativas associadas às mulheres e as relações de poder envolvidas na constituição desses papéis. Articulada à perspectiva de Moscovici, essa abordagem permite compreender como determinadas concepções sobre o feminino permanecem socialmente disponíveis e podem ser mobilizadas na interpretação de mulheres apresentadas como autoras de homicídios contra seus parceiros heteroafetivos.

Além disso, a análise considera as contribuições de Orlandi (2009), para quem o discurso deve ser compreendido em relação às condições de produção e aos processos de construção de sentidos. Dessa perspectiva, a seleção das informações, a organização da narrativa e o destaque conferido a determinados aspectos do acontecimento constituem elementos relevantes para compreender como os portais apresentam as mulheres envolvidas nos casos. A análise, portanto, busca identificar como esses elementos participam da construção discursiva das mulheres retratadas, sem pressupor intenções editoriais ou efeitos sobre os leitores que não possam ser demonstrados.

Outra perspectiva que contribui para essa discussão é a interseccionalidade, abordada por Collins e Bilge (2021), permitem compreender a interseccionalidade como uma ferramenta para analisar como diferentes relações de poder, envolvendo gênero, raça e classe, se articulam na produção das desigualdades sociais. A autora destaca que esses marcadores não atuam de maneira

isolada, mas se relacionam na organização das estruturas sociais. Essa abordagem possibilita compreender que as representações das mulheres não são construídas exclusivamente a partir do gênero, mas também podem ser atravessadas por condições raciais e socioeconômicas.

Para orientar a análise, foram consideradas três categorias: moralização/culpabilização, vitimização e patologização. Essas categorias foram construídas em diálogo com a Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (1978), e com as reflexões de Federici (2017) sobre a construção histórica dos papéis de gênero e as relações de poder que atravessam a experiência das mulheres. Essa articulação permite observar aspectos relacionados à atribuição de responsabilidade pelo crime, à presença de situações de violência e vulnerabilidade e à associação das condutas femininas a possíveis explicações patológicas, considerando sempre os elementos efetivamente presentes nas narrativas jornalísticas.

Diante dessas considerações, esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações sociais construídas em três reportagens jornalísticas sobre mulheres apontadas como autoras ou suspeitas de homicídio contra seus parceiros em relacionamentos heteroafetivos, em casos ocorridos no estado do Paraná entre 2016 e junho de 2026. Por meio da análise das narrativas jornalísticas, busca-se identificar elementos discursivos relacionados às categorias estabelecidas e compreender como as mulheres são apresentadas, considerando as relações entre gênero, moralidade, violência e as expectativas sociais historicamente construídas sobre o feminino.

2. METODOLOGIA

Apresente pesquisa caracteriza-se como documental, de abordagem qualitativa, tendo como objeto de análise três reportagens jornalísticas sobre mulheres apontadas como autoras ou suspeitas de homicídio contra seus parceiros. A coleta de dados foi realizada a partir de documentos jornalísticos digitais publicados nos portais CNN Brasil, PP News e G1 Paraná. Inicialmente, a pesquisa previa a análise de seis reportagens, incluindo materiais publicados nos portais da Polícia Civil do Paraná e da RIC. Entretanto, durante o período de coleta, o acesso a esses materiais ficou indisponível, impossibilitando sua utilização na pesquisa.

Diante dessa dificuldade, o número de reportagens foi reduzido de seis para três, mantendo-se aquelas que permaneciam disponíveis e que atendiam aos critérios estabelecidos para o estudo. Além disso, o portal RIC foi substituído pelo PP News, pois, durante a busca pelo material, foram encontradas nesse portal informações mais completas sobre os casos, possibilitando uma análise mais adequada das categorias propostas pela pesquisa.

A seleção das reportagens considerou os seguintes critérios de inclusão: casos ocorridos no estado do Paraná, no período compreendido entre 2016 e junho de 2026, envolvendo mulheres apontadas como autoras de homicídio contra seus parceiros em relacionamentos heteroafetivos, disponibilidade do conteúdo jornalístico para consulta, e presença de informações pertinentes aos objetivos da pesquisa. Como critérios de exclusão, foram considerados os casos ocorridos em outros estados, aqueles em que as mulheres figuravam como vítimas de homicídio, os crimes contra crianças, incluindo casos de homicídio, e os homicídios encomendados, por apresentarem características distintas do fenômeno investigado.

O foco central da pesquisa está nas representações sociais relacionadas ao gênero, especialmente nas formas como as mulheres apontadas como autoras de homicídio contra seus parceiros são apresentadas nas narrativas jornalísticas e nos sentidos atribuídos às suas ações. Embora aspectos como raça, classe social, escolaridade e outros marcadores sociais possam contribuir para a compreensão das experiências das mulheres, esses elementos não constituíram o eixo principal de investigação nem foram utilizados como critérios de seleção das reportagens. Dessa forma, a análise priorizou as representações de gênero identificadas nos discursos jornalísticos, considerando as expectativas sociais historicamente construídas sobre os papéis femininos e as possíveis relações dessas expectativas com a apresentação das mulheres envolvidas nos casos.

A análise das reportagens foi fundamentada na Análise de Discurso, a partir das contribuições de Orlandi (2009), buscando compreender os sentidos produzidos pelas narrativas jornalísticas e as formas de apresentação das mulheres envolvidas nos casos selecionados. Para isso, foram observadas as escolhas de palavras, a construção das manchetes, a organização das informações, a caracterização das mulheres e de seus parceiros, as justificativas apresentadas para os crimes e a presença de informações relacionadas à violência doméstica, ao comportamento e às possíveis explicações psicológicas atribuídas às situações noticiadas.

Para organizar o material analisado, foi elaborado um quadro contendo as categorias de análise, os elementos identificados nas reportagens e os respectivos trechos que fundamentaram as interpretações. Esse procedimento permitiu sistematizar as

informações de cada publicação, facilitando a identificação de aproximações e diferenças entre as narrativas jornalísticas.

A análise foi orientada por três categorias: moralização/culpabilização, patologização e vitimização. Na primeira, foram examinadas as formas de apresentação das mulheres em relação à ação atribuída a elas e os elementos discursivos que poderiam contribuir para avaliações morais de suas condutas. Na segunda, foram observadas possíveis associações entre as mulheres e explicações relacionadas a transtornos mentais ou alterações psicológicas, distinguindo-as de simples descrições de comportamentos ou estados emocionais. Na terceira, foram analisadas as informações que apresentavam as mulheres na posição de vítimas, especialmente os relatos de violência doméstica, ameaças e outras situações de vulnerabilidade mencionadas nas reportagens.

3. RESULTADOS

Reportagem 1: PP News: "Mulher suspeita de matar o marido é liberada após se apresentar à polícia"

CATEGORIA	ELEMENTO	TRECHO EVIDENTE
MORALIZAÇÃO	Apresentação da mulher como suspeita	"Mulher suspeita de matar o marido..."
	Atribuição da ação do homicídio	"Em um momento de desespero, ela esperou ele adormecer, pegou a arma e atirou contra o próprio companheiro."

	Ausência de julgamento moral explícito	Não foram identificados adjetivos depreciativos ou julgamentos explícitos sobre a mulher.
PATOLOGIZAÇÃO	Estado emocional associado à ação	Em momento de desespero
VITIMIZAÇÃO	Menção à Violência doméstica, inclusive, a violência psicológica	“De acordo com os policiais, ela informou que o homem chegou em casa alterado e armado, ameaçando ela de morte. Ela disse que sofria ameaças e violência psicológica.”

Fonte: https://ppnewsfb.com.br/mulher-suspeita-de-matar-o-marido-e-liberada-apos-se-apresentar-a-policia/

A reportagem da PP News, nos traz a história de uma mulher suspeita pela morte do marido, destacando sua ação de pegar a arma e efetuar o disparo. Entretanto, diferentemente de uma narrativa centrada exclusivamente na responsabilização, a reportagem também apresenta elementos do contexto vivenciado pela mulher, mencionando que ela sofria com violências causadas pelo marido, tanto física quanto psicológica. Dessa forma, observa-se a presença simultânea de elementos de moralização e vitimização na construção da narrativa.

Ao mesmo tempo que essa reportagem apresenta a autora como culpada dos disparos e morte do marido, a reportagem também traz elementos que mostram que vivia em uma situação de violência doméstica e psicológica. As informações sobre as agressões, as ameaças de morte e o uso de uma arma pelo marido fazem com que a mulher também seja apresentada como vítima dentro dessa relação.

Dessa forma, a reportagem constrói diferentes sentidos sobre essa mulher: de um lado, ela é apresentada como responsável pelo homicídio e, de outro, sua história de violência é utilizada para contextualizar o crime e mostrar a situação que ela vivenciava antes de tirar a vida do marido. Essa forma de apresentar o caso permite observar como os discursos presentes na reportagem podem produzir diferentes representações sobre a mulher, colocando-a tanto no lugar de autora quanto no de vítima.

A partir de Orlandi (2009), podemos compreender que esses sentidos são construídos pela forma como a reportagem apresenta e organiza as informações sobre o caso. Ao trazer tanto a morte do marido quanto o histórico de violência que a mulher sofria, a reportagem faz com que o homicídio seja compreendido também a partir da situação de violência em que ela estava inserida.

Também não foi possível identificar elementos de patologização na reportagem, pois não são apresentadas informações relacionadas a transtornos mentais, loucura ou algum tipo de surto. Dessa forma, a representação construída pela reportagem está principalmente relacionada à mulher como autora do homicídio e, ao mesmo tempo, como vítima de uma relação marcada pela violência.

Na reportagem do PP News, a interseccionalidade apareceu de forma bastante limitada. A reportagem apresenta a mulher principalmente a partir do gênero e da situação de violência doméstica, mas não traz informações suficientes sobre raça, classe, escolaridade, profissão ou maternidade que permitissem aprofundar essa análise.

Reportagem 2: CNN Brasil: "**Mulher é denunciada por matar marido após briga sobre Wi-Fi no Paraná**"

CATEGORIA	ELEMENTO	TRECHO EVIDENTE
MORALIZAÇÃO	Apresentação como suspeita	"Mulher suspeita de matar o marido"
	Ênfase na ação praticada	"A mulher então teria pegado a arma e atirado contra o homem."
	Motivo considerado fútil	"O MP aponta que o assassinato teria sido praticado por motivo fútil."
PATOLOGIZAÇÃO	Caracterização de comportamento agressivo	" casal discutiu após a mulher anunciar que desligaria o roteador da internet enquanto o marido assistia a um filme na televisão. [...] A mulher então teria pegado a arma e atirado contra o homem ". "**e afirmaram que Jaqueline demonstrava comportamento agressivo**" (grifo no original) "Outra testemunha relatou que já presenciou a mulher batendo no marido com um pedaço de pau. "
VITIMIZAÇÃO	Conflitos anteriores no relacionamento	"O casal brigava constantemente."

Fonte: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/pr/mulher-e-denunciada-por-matar-marido-por-briga-sobre-wi-fi-no-parana/

A reportagem da CNN Brasil constrói uma representação da mulher marcada predominantemente pela responsabilização pelo homicídio, incorporando diferentes elementos que ampliam a

caracterização de sua conduta. O próprio título associa o crime a uma “briga sobre Wi-fi”, enquanto a reportagem apresenta a informação em destaque em negrito que o Ministério Público considerou o homicídio como praticado por “motivo fútil”, produzindo sentidos de desigualdade entre o conflito cotidiano e a violência cometida. Também são destacados elementos relacionados à suposta tentativa de alterar a cena do crime e simular uma ocorrência acidental, reforçando a responsabilização da autora.

No decorrer da reportagem não foram mencionados elementos associados a autora do crime a algum diagnóstico de transtornos mentais. Entretanto, a reportagem menciona que familiares e vizinhos afirmaram que Jaqueline apresentava “comportamentos agressivos”, além do relato de uma testemunha que teria presenciado a mulher agredindo o marido com um pedaço de pau. Esses elementos contribuem para a construção de uma representação da autora associada à agressividade, mas não permitem, por si só, caracterizar uma patologização, sendo mais adequado compreendê-los como elementos de caracterização comportamental e de responsabilização.

A reportagem menciona que o casal brigava constantemente, indicando a existência de conflitos anteriores na relação, contudo não são apresentados elementos que posicionem a mulher como vítima de violência doméstica, abuso ou sofrimento anterior ao homicídio. Dessa forma, a vitimização aparece de maneira limitada e não constitui predominância na narrativa.

A partir de Olandi (2009), pode-se compreender que a seleção e a organização dessas informações contribuem para a produção de determinados sentidos sobre a mulher autora do homicídio. A

narrativa enfatiza a desigualdade e a ação desproporcional ao crime praticado; a agressividade atribuída à autora e os elementos utilizados para sustentar sua responsabilidade. Assim, a reportagem produz uma representação predominantemente marcada pela moralização e pela culpabilização, enquanto a patologização não se apresenta de forma explícita e a vitimização ocupa posição secundária.

Reportagem 3: PP G1: “Mulher mata companheiro com facada no Paraná”.

CATEGORIA	ELEMENTO	TRECHO EVIDENTE
PATOLOGIZAÇÃO	Ausência de elementos de patologização	Não foram mencionados, na reportagem, elementos que associem o crime a transtornos mentais, alterações psicológicas ou desequilíbrio emocional da autora.
MORALIDADE	Identificação da mulher a partir de sua profissão; ênfase na ação praticada; responsabilização pelo crime.	“Professora mata companheiro com facada durante discussão no Paraná.”
VITIMIZAÇÃO	Histórico de violência doméstica e alegação de legítima defesa	“Mulher alegou histórico de violência doméstica.” A defesa sustenta que ela era vítima recorrente de violência doméstica e que o crime teria ocorrido em legítima defesa, introduzindo uma representação da mulher também na posição de vítima.

Fonte: https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/videos-meio-dia-parana-foz-do-iguacu/video/mulher-mata-companheiro-com-

facada-no-parana-14513056.ghtml

Na perspectiva da Análise de Discurso de Orlandi (2009), a notícia não é um relato transparente dos fatos, mas discurso, isto é, efeito de sentidos produzido em condições determinadas e atravessado pela ideologia e pela memória do dizer. Com isso, a manchete “Professora mata companheiro com facada durante discussão no Paraná” não é neutra: ao designar a mulher por sua profissão, destaca sua identidade profissional e, ao colocá-la como sujeito da ação, enfatiza sua ação como autora do homicídio, mobilizando o interdiscurso, a memória que torna possíveis certos dizeres, e acionando sentidos associados à docência, como cuidado e exemplaridade, que contrastam com o ato violento.

Essa formulação é apenas uma entre as possíveis, o que Orlandi (2009) trata como família parafrástica, mas, pelo esquecimento ideológico, aparece como a única forma de dizer o fato. Somada à prisão em flagrante e ao questionamento inicial da hipótese de legítima defesa, ela inscreve o discurso na posição jornalístico-policial e contribui para a construção de responsabilização pela ação. Ao mesmo tempo, o trecho “Mulher alegou histórico de violência doméstica” introduz outra posição de sujeito, a de possível vítima, em que o verbo “alegar” marca distanciamento do enunciador e põe em confronto formações discursivas distintas, a jurídico-policial e a da violência doméstica (Orlandi, 2009), de modo que a polissemia mantém os sentidos em disputa sem que um se imponha de forma definitiva.

Por fim, a ausência de elementos de patologização pode ser lida à luz da relação entre dizer e não-dizer, pois, para Orlandi (2009), o silêncio também significa: ao dizer “discussão” e “facada”, a

reportagem deixa de dizer a explicação por desequilíbrio emocional, e esse silêncio não equivale à neutralidade, já que sentidos de moralidade e de responsabilização ocupam o lugar da patologização. Assim, a reportagem constrói a mulher como responsável pelo ato e, simultaneamente, abre espaço para sua posição de vítima, o que confirma que o sentido não está no texto em si, mas na relação entre o dizer, suas condições de produção e a memória que o sustenta.

4. DISCUSSÃO

A análise das três reportagens selecionadas permite observar como os portais de notícias participam da circulação e da construção de representações sociais sobre mulheres envolvidas em homicídios contra seus parceiros. Segundo o Dicio (s.d.), o termo imprensa também está relacionado ao ato de imprimir e transferir imagens ou documentos para o papel. A partir desse significado, é possível estabelecer uma reflexão: assim como a impressão deixa uma marca, a maneira como uma notícia é selecionada, organizada e apresentada pode influenciar a percepção sobre determinado acontecimento. Dessa forma, as escolhas realizadas na construção das notícias participam da produção de sentidos sobre os fatos e as pessoas envolvidas.

Essa discussão pode ser relacionada à Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978), considerando que os conhecimentos socialmente compartilhados participam das formas como a realidade é interpretada. Nesse sentido, a apresentação dos acontecimentos nas reportagens pode mobilizar referências e valores já existentes na sociedade.

As reflexões de Federici (2017) também contribuem para essa análise, ao abordar a construção histórica dos papéis atribuídos às mulheres e as relações de poder envolvidas nesse processo. Essas construções ajudam a compreender como determinadas expectativas sobre o feminino permanecem socialmente presentes e podem influenciar a forma como mulheres envolvidas em crimes são representadas nas narrativas jornalísticas.

A reportagem publicada pelo PP News (2025), intitulada “Mulher suspeita de matar o marido é liberada após se apresentar à polícia”, apresenta uma narrativa que reúne informações sobre a suspeita de autoria do homicídio e o contexto de violência doméstica relatado pela mulher. Conforme as informações atribuídas à polícia, ela teria informado que o companheiro chegou em casa alterado e armado, ameaçando-a de morte, além de relatar que sofria ameaças e violência psicológica. A notícia também descreve que, em um momento de desespero, ela teria esperado o companheiro adormecer, pegado a arma e efetuado os disparos. A presença desses elementos permite analisar como a reportagem articula a ação atribuída à mulher e os relatos de violência que ela afirma ter vivenciado, apresentando diferentes aspectos da relação entre o casal.

A partir da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978), essa construção pode ser compreendida considerando que os acontecimentos são interpretados por meio de referências e categorias socialmente compartilhadas. A apresentação de uma mulher suspeita de homicídio pode mobilizar representações relacionadas à responsabilidade individual e à figura da agressora. Ao mesmo tempo, os relatos de ameaças e violência psicológica introduzem informações que permitem considerar sua possível

condição de vítima de violência doméstica. Essa articulação exige uma reflexão cuidadosa, pois reconhecer a violência relatada pela mulher não significa estabelecer essa experiência como justificativa para o homicídio. Da mesma forma, a suspeita de autoria do crime não deve levar ao apagamento das situações de violência que ela afirma ter vivenciado. Considerar essas duas dimensões não significa estabelecer uma equivalência entre as violências ou defender que uma possa legitimar a outra, mas reconhecer que a compreensão de acontecimentos dessa natureza exige atenção às diferentes circunstâncias apresentadas.

O processo de objetivação, também discutido por Moscovici (1978), pode ser examinado a partir da maneira como a reportagem apresenta a ação atribuída à mulher. A descrição de que ela teria esperado o companheiro adormecer, pegado a arma e efetuado os disparos transforma a suspeita de homicídio em uma sequência concreta de acontecimentos. Além disso, a expressão “em um momento de desespero” associa a ação a um estado emocional, oferecendo ao leitor uma referência para compreender como o episódio é narrado. Entretanto, essa expressão não permite identificar, por si só, as condições psicológicas da mulher, tampouco estabelecer uma explicação para sua conduta. É importante observar que a reportagem apresenta uma descrição dos acontecimentos atribuída às informações policiais, mas não oferece elementos suficientes para compreender integralmente as circunstâncias emocionais e relacionais envolvidas.

A ancoragem pode ser observada na maneira como a reportagem reúne referências socialmente reconhecidas para apresentar o caso. A suspeita de homicídio aproxima a situação de representações relacionadas à responsabilidade pelo crime, enquanto os relatos de

ameaças e violência psicológica remetem às experiências de violência nas relações conjugais. Esses elementos permitem que o acontecimento seja interpretado a partir de diferentes referências, que não precisam ser compreendidas como posições excludentes. Entretanto, é necessário questionar como essas referências podem orientar julgamentos imediatos sobre a mulher, especialmente quando informações sobre a autoria do crime e sobre a violência que ela afirma ter sofrido são apresentadas na mesma narrativa. A análise busca evitar que a mulher seja compreendida exclusivamente pela ação atribuída a ela ou, em sentido contrário, que o relato de violência seja utilizado para estabelecer uma explicação definitiva para o homicídio.

As contribuições de Federici (2017) permitem ampliar essa discussão ao situar as relações entre homens e mulheres em processos históricos marcados por desigualdades de gênero e relações de poder. A partir das reflexões da autora, é possível considerar que as experiências vivenciadas nas relações conjugais não estão desvinculadas das construções sociais que historicamente organizaram as relações entre os gêneros. Nesse contexto, os relatos de ameaças e violência psicológica apresentados na reportagem merecem ser considerados para além de um episódio isolado, pois permitem questionar as condições sociais em que as relações de violência se constituem. Isso não significa afirmar que as desigualdades de gênero expliquem, isoladamente, o homicídio ou determinem as ações das pessoas envolvidas, mas reconhecer que a análise das relações conjugais também exige considerar os contextos históricos e sociais que atravessam essas experiências.

Na perspectiva de Orlandi (2009), a seleção e a organização das informações participam da produção de sentidos no discurso. Na

reportagem do PP News (2025), a apresentação da ação atribuída à mulher é acompanhada pelos relatos de ameaças e violência psicológica que ela afirma ter sofrido. Essa organização diferencia a narrativa, pois não restringe a apresentação do caso à suspeita de homicídio, incorporando informações sobre as circunstâncias da relação entre o casal. Ao mesmo tempo, a notícia não oferece elementos suficientes para reconstruir integralmente essa dinâmica ou verificar todas as circunstâncias relatadas. Assim, a análise permite observar como a articulação dessas informações amplia o recorte apresentado, sem que isso corresponda a uma compreensão completa da realidade vivenciada pelos envolvidos.

De modo geral, a reportagem do PP News (2025) apresenta uma configuração particular ao reunir a descrição da ação atribuída à mulher e os relatos de violência doméstica que ela afirma ter vivenciado. Diferentemente de uma narrativa centrada exclusivamente na caracterização da suspeita e de sua conduta, a notícia também incorpora informações sobre ameaças e violência psicológica no relacionamento. Essa presença amplia as possibilidades de discussão sobre a representação da mulher, pois evidencia a importância de considerar o contexto relacional sem transformar a condição de vítima em justificativa para a violência praticada. A análise demonstra, portanto, que reconhecer a complexidade das experiências apresentadas não significa antecipar julgamentos ou conclusões sobre o caso, mas desenvolver uma leitura crítica que considere tanto a responsabilidade atribuída à mulher quanto as situações de violência por ela relatadas.

A reportagem da CNN Brasil (2026), intitulada “Mulher é denunciada por matar marido após briga sobre Wi-Fi no Paraná”, apresenta uma narrativa que enfatiza a responsabilização da mulher pelo homicídio,

reunindo informações sobre o conflito que teria antecedido o crime, a conduta atribuída à denunciada e os relatos de pessoas próximas ao casal. O título destaca a discussão relacionada ao roteador de Wi-Fi, enquanto o texto informa que o Ministério Público considerou que o assassinato teria sido praticado por motivo fútil. Além disso, são apresentados relatos de familiares e vizinhos que descrevem comportamentos agressivos da mulher, incluindo o depoimento de uma testemunha que afirma já tê-la visto agredindo o marido com um pedaço de pau. A articulação dessas informações permite examinar como a reportagem constrói a imagem da mulher envolvida no crime e quais aspectos de sua conduta são mobilizados para caracterizá-la.

A apresentação do conflito relacionado ao Wi-Fi pode ser analisada a partir do processo de ancoragem proposto por Moscovici (1978). Ao destacar uma situação cotidiana como contexto do homicídio, a reportagem aproxima um acontecimento extremo de uma referência familiar, estabelecendo uma relação entre uma discussão comum e a violência que resultou na morte do companheiro. A classificação do motivo como fútil, atribuída ao Ministério Público, reforça essa construção ao evidenciar a desproporcionalidade entre o conflito mencionado e a gravidade do crime. Essa forma de apresentar o caso nos leva a refletir sobre como situações cotidianas podem ser utilizadas como referências para explicar acontecimentos de grande complexidade. Entretanto, compreender o homicídio apenas pela discussão apresentada seria reduzir o acontecimento a um único episódio, desconsiderando a complexidade das relações e das circunstâncias envolvidas. Por isso, é importante que a leitura da notícia não se limite ao motivo destacado no título, mas considere também os limites das informações disponibilizadas para compreender o contexto em que o crime ocorreu.

Em relação à objetivação, os relatos sobre os comportamentos agressivos atribuídos à mulher, especialmente o depoimento da testemunha que afirma já tê-la visto bater no marido com um pedaço de pau, oferecem elementos concretos para a construção de uma imagem associada à agressividade. A partir de Moscovici (1978), esses elementos podem ser compreendidos como parte do processo pelo qual uma representação abstrata ganha forma por meio de imagens e referências reconhecíveis. Nesse caso, a agressividade não aparece apenas como uma característica mencionada de maneira genérica, mas é associada a uma situação específica, narrada por uma testemunha. Essa descrição contribui para tornar concreta a representação da mulher como alguém que pratica violência. Entretanto, é necessário considerar que se trata de um relato apresentado na reportagem, e não de uma conclusão independente sobre o histórico da relação ou sobre a totalidade das condutas da mulher.

Essa representação também pode ser discutida em diálogo com Federici (2017), cujas reflexões permitem compreender como determinadas expectativas sobre o feminino foram historicamente construídas, especialmente aquelas relacionadas ao cuidado, à família e à reprodução da vida. A associação histórica das mulheres a essas responsabilidades contribuiu para consolidar expectativas sociais sobre comportamentos considerados adequados ao feminino. Diante disso, a apresentação de uma mulher associada à agressividade permite questionar a permanência dessas expectativas e o possível estranhamento produzido quando uma mulher ocupa a posição de autora de uma violência. Não se trata de afirmar que as mulheres sejam naturalmente cuidadoras ou incapazes de praticar agressões, mas de reconhecer que as concepções sobre feminilidade são construções históricas que

também atravessam a maneira como a violência praticada por mulheres é representada e interpretada. Essa discussão é importante justamente porque permite problematizar as expectativas de gênero sem transformar essas expectativas em explicações para a prática do crime.

A reportagem também menciona que o casal brigava constantemente, indicando a existência de conflitos anteriores no relacionamento. Entretanto, não apresenta relatos de violência doméstica sofrida pela mulher, ameaças ou outras informações que permitam caracterizá-la como vítima de violência na relação. Essa distinção merece atenção porque a existência de conflitos conjugais não comprova, por si só, uma situação de violência doméstica ou de vitimização. Assim, embora a notícia apresente informações sobre a relação anterior ao homicídio, esses aspectos não são desenvolvidos de modo a ampliar a compreensão sobre possíveis experiências de violência vivenciadas pela mulher. A análise permite observar, portanto, que a existência de conflitos é mencionada, mas não recebe o mesmo desenvolvimento dado aos relatos que caracterizam a conduta da denunciada.

Quanto à possibilidade de uma representação associada à patologização, embora a reportagem apresente relatos que caracterizam a mulher como alguém de comportamento agressivo, não estabelece uma associação explícita entre essas condutas e a existência de um transtorno mental. Essa distinção é relevante porque comportamentos violentos não constituem, isoladamente, evidências de adoecimento psíquico. A agressividade atribuída à denunciada participa da construção de sua imagem como alguém que pratica violência, mas não permite afirmar que a reportagem a represente como uma pessoa com transtorno mental. Esse aspecto

também merece ser considerado, pois demonstra que a caracterização de uma mulher envolvida em homicídio não depende necessariamente de explicações relacionadas à doença ou à anormalidade.

A partir de Orlandi (2009), é possível aprofundar a análise considerando que a seleção e a organização das informações participam da produção de sentidos na narrativa jornalística. Na reportagem da CNN Brasil (2026), o destaque ao conflito sobre o Wi-Fi, à classificação do motivo como fútil, à suposta tentativa de simular um acidente e aos relatos de agressividade organiza a apresentação do caso em torno da conduta atribuída à denunciada e de sua responsabilização. Embora a notícia também mencione que o casal brigava constantemente, essa informação não é desenvolvida a partir de possíveis experiências de violência sofridas pela mulher. Assim, a análise permite observar não apenas quais informações são incluídas, mas também o espaço que recebem na narrativa e a maneira como são articuladas. Isso não significa atribuir uma intenção ao portal, mas reconhecer que toda narrativa jornalística apresenta um recorte dos acontecimentos e que esse recorte confere maior visibilidade a determinadas dimensões da história.

De modo geral, a análise da reportagem da CNN Brasil (2026) permite observar uma construção narrativa centrada na conduta atribuída à mulher, especialmente por meio do destaque ao conflito que teria antecedido o homicídio e dos relatos de comportamentos agressivos. Ao mesmo tempo, a menção às brigas constantes entre o casal não é acompanhada de informações que permitam aprofundar o contexto da relação ou compreender possíveis experiências de violência vivenciadas pela denunciada. Essa

configuração evidencia a importância de analisar criticamente não apenas os acontecimentos noticiados, mas também a forma como são selecionados e apresentados. A discussão não busca relativizar a gravidade do homicídio nem antecipar conclusões sobre a responsabilidade judicial da denunciada, mas compreender como as representações sobre mulheres envolvidas em crimes são construídas a partir de valores, expectativas de gênero e recortes da realidade social.

A reportagem do G1 Paraná (2026), intitulada “Mulher mata companheiro com facada no Paraná”, apresenta a mulher a partir de uma narrativa em que a ação atribuída a ela e a responsabilização pelo homicídio ocupam posição central. Ao mesmo tempo, a menção ao histórico de violência doméstica relatado pela mulher introduz outro elemento na construção da notícia, permitindo que ela também seja apresentada na posição de possível vítima.

Um aspecto que chama a atenção nessa reportagem é a identificação da mulher por sua profissão. Diferentemente das outras duas reportagens analisadas, que não apresentam a ocupação profissional das mulheres envolvidas, o G1 destaca que ela é professora. Essa informação introduz uma característica que possui significados históricos relacionados ao gênero, ao cuidado e à responsabilidade social. A menção à profissão não permite concluir que tenha sido utilizada intencionalmente para produzir um julgamento moral, mas possibilita analisar como sua presença pode mobilizar representações socialmente construídas sobre a docência e o comportamento esperado das mulheres.

Louro (2003) problematiza a presença feminina no ambiente educacional e as relações de poder que historicamente constituíram

esse espaço. A autora destaca que, embora as mulheres tenham passado a ocupar a função de professoras, os conhecimentos, os conteúdos escolares e as formas de organização do ensino permaneceram historicamente marcados pelo gênero masculino. Dessa maneira, a presença feminina na educação não significou, necessariamente, o rompimento com as estruturas de poder que contribuíram para estabelecer diferentes posições sociais para homens e mulheres.

Essa reflexão permite compreender que a profissão de professora apresenta uma relação complexa com as representações sociais de gênero. Ao mesmo tempo que foi historicamente associada ao cuidado, à sensibilidade e à maternidade, sua organização também esteve inserida em estruturas de conhecimento e autoridade construídas predominantemente a partir de perspectivas masculinas. Assim, a presença feminina na docência não elimina as expectativas sociais relacionadas ao comportamento das mulheres (Louro, 2003). Nesse sentido, a apresentação de uma professora como autora de um homicídio pode produzir um contraste entre a profissão associada ao cuidado e a violência atribuída a ela, tornando relevante observar como essa informação participa da construção de sentidos sobre a mulher na reportagem.

A partir da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978), é possível compreender que a interpretação dos acontecimentos é atravessada por conhecimentos e referências socialmente compartilhados. Nesse caso, a identificação da mulher como professora pode funcionar como uma referência para a interpretação de sua conduta, mobilizando representações associadas à educação, ao cuidado e à responsabilidade. Entretanto, essa associação não determina uma única interpretação sobre o

caso, mas evidencia como referências sociais relacionadas ao feminino podem participar da construção de sentidos sobre a mulher apresentada na notícia.

Outro aspecto importante é a forma como a reportagem apresenta a responsabilização pelo homicídio e, simultaneamente, o histórico de violência doméstica mencionado pela mulher. A prisão em flagrante e o questionamento inicial da hipótese de legítima defesa contribuem para a construção de uma narrativa centrada na autoria e na responsabilização pelo crime. Por outro lado, o trecho “Mulher alegou histórico de violência doméstica” introduz informações sobre uma possível experiência de violência vivenciada por ela. O uso do verbo “alegou” também merece atenção, pois apresenta essa informação como uma declaração atribuída à mulher, sem que a reportagem, por si só, confirme a ocorrência dos episódios relatados, segundo Orlandi (2009).

Na perspectiva de Orlandi (2009), a notícia não constitui um relato neutro ou transparente dos acontecimentos, mas produz sentidos por meio das escolhas discursivas, da seleção das informações e da maneira como elas são organizadas. Nesse contexto, a manchete destaca a ação atribuída à mulher, enquanto a informação sobre o histórico de violência doméstica aparece como outro elemento da narrativa. Essas escolhas contribuem para a construção de diferentes posições discursivas: a de mulher responsabilizada pelo homicídio e a de possível vítima de violência doméstica. A presença dessas duas dimensões amplia os elementos apresentados para a compreensão do caso, sem eliminar a gravidade do homicídio ou permitir conclusões definitivas sobre as circunstâncias da relação.

Em relação à categoria de patologização, não foi identificada na reportagem uma associação entre o homicídio e transtornos mentais, alterações psicológicas ou desequilíbrio emocional da mulher. Essa ausência também é relevante para a análise, pois demonstra que a narrativa não recorre explicitamente a explicações de ordem psicológica para apresentar a conduta atribuída a ela. Assim, a reportagem permite identificar elementos relacionados à moralização e à responsabilização, à vitimização e à ausência de patologização, considerando as diferentes formas pelas quais a mulher é apresentada no discurso jornalístico.

De modo geral, a análise da reportagem do G1 Paraná (2026) evidencia como a apresentação de uma mulher apontada como autora de homicídio pode reunir diferentes elementos na construção de sua representação social. A identificação de sua profissão como professora introduz sentidos relacionados historicamente ao cuidado e às expectativas atribuídas ao feminino, enquanto a narrativa sobre o homicídio enfatiza sua responsabilização pela ação. Ao mesmo tempo, a menção ao histórico de violência doméstica apresenta outra dimensão de sua trajetória, colocando-a também na posição de possível vítima. Esses elementos demonstram que as representações construídas pela narrativa jornalística não se limitam à descrição do crime, mas são atravessadas por referências sociais e escolhas discursivas que participam da produção de sentidos sobre a mulher. Nessa perspectiva, a notícia não constitui um espelho da realidade, mas resulta de um processo de construção no qual a seleção, a hierarquização e o enquadramento dos fatos obedecem a critérios profissionais e organizacionais (Traquina, 2005).

A análise conjunta das três reportagens permite identificar aproximações e diferenças na maneira como as mulheres envolvidas nos homicídios são apresentadas pelos portais de notícias. Embora todas as narrativas tenham como ponto de partida a suspeita ou a atribuição de autoria de um homicídio contra o companheiro, cada uma destaca aspectos distintos dos acontecimentos, contribuindo para a construção de diferentes sentidos sobre as mulheres retratadas.

Na reportagem da CNN Brasil (2026), o destaque conferido à discussão relacionada ao Wi-Fi, à classificação do motivo como fútil e ao relato de uma testemunha que afirma ter visto a mulher agredir o companheiro com um pedaço de madeira contribui para uma narrativa centrada no conflito e na responsabilização da mulher. No PP News (2025), por sua vez, a reportagem apresenta a mulher como suspeita do homicídio e destaca que ela relatou ter sofrido violência doméstica e psicológica, trazendo para a narrativa a possibilidade de que também ocupasse uma posição de vítima na relação. Já no G1 Paraná (2026), além da responsabilização pelo homicídio e da menção ao histórico de violência doméstica alegado pela mulher, a identificação de sua profissão como professora introduz um elemento específico relacionado às representações sociais sobre a docência e às expectativas de gênero.

Essas diferenças demonstram que as reportagens não constroem uma representação única ou homogênea das mulheres envolvidas nos casos. A seleção dos acontecimentos, das declarações e das características destacadas em cada publicação participa da produção de sentidos sobre as mulheres, podendo enfatizar aspectos relacionados à agressividade, à responsabilidade pelo crime, à experiência de violência ou às expectativas sociais

atribuídas ao feminino. Nesse sentido, a perspectiva de Orlandi (2009) contribui para compreender que a notícia é constituída por escolhas discursivas, nas quais determinados elementos recebem destaque, enquanto outros ocupam posições secundárias ou não são apresentados.

A partir de Moscovici (1978), também é possível compreender que essas narrativas circulam em uma sociedade na qual já existem representações sobre o que se espera do comportamento de homens e mulheres. A associação histórica do feminino ao cuidado, à fragilidade e à passividade pode produzir tensões quando mulheres são apresentadas como autoras de atos violentos. Entretanto, as reportagens analisadas também apresentam elementos que ultrapassam a descrição da ação criminosa, como os relatos de violência doméstica e a identificação profissional da mulher. Assim, as representações mobilizadas nas notícias podem reunir diferentes dimensões, não se restringindo exclusivamente à figura da agressora ou à posição de vítima.

As contribuições de Federici (2017) permitem situar essas expectativas em um contexto histórico mais amplo, considerando a construção social dos papéis femininos e as relações de poder que atravessam as relações de gênero. A associação das mulheres ao cuidado e à reprodução da vida não constitui uma característica natural, mas resulta de processos históricos e sociais. Dessa forma, quando uma mulher é apresentada como autora de um homicídio, sua conduta pode ser interpretada em relação às expectativas historicamente atribuídas ao feminino. Isso não significa que tais expectativas expliquem o crime ou determinem a maneira como cada leitor compreenderá a notícia, mas que constituem referências

sociais relevantes para a análise das representações presentes nas narrativas.

Outro aspecto que merece consideração diz respeito à interseccionalidade. As contribuições de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) permitem ampliar a compreensão das relações de poder ao considerar que gênero, raça e classe social não atuam de maneira isolada, mas se articulam na produção das experiências e posições sociais das mulheres. Embora esses marcadores não tenham constituído critérios centrais de seleção das reportagens, sua consideração é importante para reconhecer que as representações sobre as mulheres não são construídas exclusivamente a partir do gênero.

No material analisado, não foram identificadas informações que permitissem caracterizar explicitamente as mulheres retratadas como negras ou pertencentes a contextos periféricos. Essa ausência não permite afirmar que mulheres negras ou de classes populares não estejam envolvidas em situações semelhantes, tampouco concluir que não sejam representadas por outros veículos de comunicação. Ela evidência, porém, um limite do conjunto de reportagens selecionadas e aponta para a importância de futuras pesquisas que investiguem como raça e classe atravessam a visibilidade e a representação de mulheres envolvidas em crimes dessa natureza.

Por fim, a análise das três reportagens também permite observar a ausência de explicações relacionadas a transtornos mentais ou desequilíbrio psicológico em determinadas narrativas. Embora tenham sido identificados relatos de comportamentos agressivos, esses elementos não foram suficientes para caracterizar a presença

de patologização. Essa distinção reforça a importância de compreender as categorias de análise a partir do conteúdo efetivamente publicado, sem transformar descrições de condutas em diagnósticos ou explicações psicológicas não apresentadas pelas fontes.

De modo geral, a análise evidencia que as representações sociais sobre mulheres envolvidas em homicídios contra seus parceiros são atravessadas não apenas pela responsabilização pelos crimes, mas também por expectativas históricas e sociais sobre o comportamento feminino. A partir de Collins e Bilge (2021), é possível questionar os padrões de feminilidade que associam as mulheres ao cuidado, à responsabilidade familiar e a determinadas condutas consideradas socialmente adequadas, reconhecendo que essas expectativas também são atravessadas por relações de raça e classe. As reportagens analisadas também demonstram a importância de problematizar como os relatos de violência doméstica são incorporados às narrativas, uma vez que a apresentação dessas experiências pode ampliar a compreensão do contexto das relações, mas também produzir interpretações que as utilizem como justificativa para o homicídio. Da mesma forma, a ausência de referências explícitas a transtornos mentais no material analisado constitui um aspecto relevante, embora não seja suficiente para afirmar uma mudança ou um avanço na abordagem jornalística. Nesse sentido, compreender essas representações exige ultrapassar as interpretações imediatas e o senso comum, questionando os sentidos produzidos pelas narrativas midiáticas, sem reduzir essas mulheres exclusivamente à condição de criminosas ou de vítimas e sem transformar uma dessas posições em justificativa para a outra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das reportagens permitiu compreender que a cobertura jornalística de homicídios cometidos por mulheres contra seus parceiros não se limita à apresentação dos acontecimentos, mas também participa da construção e da circulação de representações sociais sobre essas mulheres. A seleção das informações, a escolha das palavras, o destaque atribuído a determinados aspectos e a inclusão ou ausência de elementos do contexto das relações contribuem para a produção de sentidos sobre os crimes e sobre as mulheres envolvidas.

Nesse sentido, torna-se importante considerar a diferença entre uma leitura crítica das reportagens e uma leitura que não questiona a maneira como as informações são apresentadas. Uma análise crítica permite identificar escolhas discursivas, observar quais informações recebem maior destaque e refletir sobre as representações de gênero presentes nas narrativas. Entretanto, quando a notícia é recebida sem esse questionamento, os sentidos construídos pela organização do discurso podem ser reproduzidos e compartilhados sem que sejam consideradas outras dimensões do acontecimento. Isso não significa que todos os leitores interpretarão as reportagens da mesma maneira, mas evidencia a importância de analisar como os discursos jornalísticos participam da circulação das representações sociais.

A partir da perspectiva de Moscovici (1978), compreende-se que as representações sociais são construídas e compartilhadas nas relações sociais, oferecendo referências para interpretar pessoas, comportamentos e acontecimentos. Nas reportagens analisadas, foi possível observar diferentes formas de apresentar as mulheres

envolvidas nos homicídios, ora com destaque para a responsabilização pelo crime e para comportamentos considerados agressivos, ora com espaço para relatos de violência doméstica que afirmavam ter sofrido. Esses elementos demonstram que as narrativas podem apresentar diferentes posições sobre as mulheres, contribuindo para a construção de imagens sociais que não se restringem a uma única característica ou interpretação.

Outro aspecto relevante foi a identificação da profissão da mulher na reportagem do G1 Paraná, apresentada como professora. Essa informação permite refletir sobre como a identidade profissional pode participar da construção de sentidos sobre a mulher envolvida no homicídio. A docência é historicamente associada ao cuidado, à educação e à responsabilidade pela formação de outras pessoas, características que também se relacionam a expectativas sociais atribuídas ao feminino. Nesse contexto, a presença da profissão na notícia pode produzir um contraste entre essas expectativas e a violência atribuída à mulher. Conforme permite discutir Louro (2003), a presença feminina no espaço da educação está relacionada a uma construção histórica atravessada pelas relações de gênero, não significando necessariamente o rompimento das expectativas e desigualdades socialmente estabelecidas.

A identificação profissional também permite levantar questionamentos sobre a maneira como homens e mulheres envolvidos em crimes semelhantes são apresentados pela imprensa. Cabe investigar se a profissão masculina recebe o mesmo destaque ou se, em determinadas notícias, a identificação profissional da mulher ganha relevância justamente pelo contraste entre uma ocupação socialmente associada ao cuidado e a violência atribuída a ela. Entretanto, essa diferença não pode ser afirmada como um

padrão geral a partir de uma única reportagem. Para verificar a existência de possíveis assimetrias, seriam necessárias pesquisas que comparassem reportagens sobre casos semelhantes, considerando os títulos, as informações iniciais e o destaque conferido às profissões dos envolvidos.

Além das normas de gênero, é importante reconhecer que as representações sociais sobre mulheres envolvidas em homicídios podem ser atravessadas por outros marcadores sociais, como raça, classe, maternidade, idade e sexualidade. Embora esses aspectos não tenham constituído o foco central da análise, sua consideração permite compreender que as experiências das mulheres e os julgamentos sociais direcionados a elas não ocorrem de maneira homogênea. As expectativas relacionadas à feminilidade podem assumir diferentes significados conforme a posição social ocupada pela mulher, influenciando a maneira como sua conduta é interpretada e apresentada publicamente.

Nesse sentido, a perspectiva da interseccionalidade, especialmente a partir das contribuições de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), possibilita compreender como diferentes relações de poder e desigualdades sociais se articulam na construção das representações sobre as mulheres. No material analisado, não foram identificadas referências explícitas que permitissem caracterizar as mulheres retratadas como negras ou pertencentes a contextos periféricos. Essa ausência merece atenção, pois limita a possibilidade de aprofundar como raça e classe poderiam atravessar as narrativas selecionadas. Isso não significa que mulheres negras ou moradoras de periferias estejam ausentes de situações semelhantes ou da cobertura jornalística em geral, mas evidencia uma limitação do corpus desta pesquisa.

Dessa forma, reconhece-se como limite deste estudo a análise de apenas três reportagens, bem como a ausência de um aprofundamento das possíveis diferenças de representação relacionadas à raça, à classe social e aos demais marcadores mencionados. Essa delimitação indica a necessidade de novas investigações que ampliem o conjunto de reportagens e comparem a cobertura jornalística de casos semelhantes envolvendo mulheres com diferentes trajetórias e posições sociais. Estudos dessa natureza poderiam contribuir para compreender como as desigualdades sociais participam da construção das imagens de mulheres envolvidas em crimes e de que maneira determinadas representações podem reforçar ou questionar estereótipos historicamente construídos.

Portanto, os resultados reforçam a importância de analisar criticamente as narrativas jornalísticas e as representações sociais que circulam por meio delas. A proposta não é desconsiderar a responsabilidade individual pelos atos cometidos, mas compreender como as informações são organizadas e como as expectativas sociais de gênero podem participar da construção das imagens atribuídas às mulheres envolvidas nesses crimes. Conclui-se que a análise das reportagens possibilitou identificar diferentes formas de apresentação dessas mulheres, evidenciando que os sentidos produzidos pelo discurso jornalístico estão relacionados não apenas aos acontecimentos noticiados, mas também aos contextos sociais e históricos que participam da construção das representações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

DICIONÁRIO INFORMAL. Imprensa. **Dicionário inFormal,** [s. d.]. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/imprensa/. Acesso em: 9 nov. 2026.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

G1. Mulher mata companheiro com facada no Paraná. **Meio Dia Paraná – Foz do Iguaçu,** 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/videos-meio-dia-parana-foz-do-iguacu/video/mulher-mata-companheiro-com-facada-no-parana-14513056.ghtml. Acesso em: 15 jun. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise.** Tradução de A. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MULHER é denunciada por matar marido após briga sobre Wi-Fi no Paraná. **CNN Brasil,** São Paulo, 3 abr. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/pr/mulher-e-denunciada-por-matar-marido-por-briga-sobre-wi-fi-no-parana/. Acesso em: 15 jun. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SOUZA, Fabiano. Mulher suspeita de matar o marido é liberada após se apresentar à polícia. **PP News,** 7 out. 2025. Disponível em: https://ppnewsfb.com.br/mulher-suspeita-de-matar-o-marido-e-liberada-apos-se-apresentar-a-policia/. Acesso em: 15 jun. 2026.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

---

[1] Discente do Curso Superior de Psicologia – Centro Universitário MaterDei *Pato Branco*. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Discente do Curso Superior de Psicologia – Centro Universitário MaterDei *Pato Branco*. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[3] Docente do Curso Superior de Psicologia – Centro Universitário Mater Dei Pato Branco. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail